

A pandemia de COVID-19 e o movimento de moradia



Letícia Ueda Vella*



Graça Xavier**



Neuma Silva de Oliveira Cruz***

Estas entrevistas integram um conjunto de duas conversas realizadas no âmbito do Projeto ICOLMA, cujo objetivo foi compreender o papel do movimento de moradia no enfrentamento da pandemia de COVID-19. A primeira foi realizada com Graça Xavier, coordenadora do Movimento de Moradia da Região Sudeste e filiada à União dos Movimentos de Moradia da Grande São Paulo e Interior, bem como à União Nacional por Moradia Popular. A segunda entrevista foi conduzida com Neuma Silva de Oliveira Cruz, secretária do Movimento de Moradia do Centro (MMC).

As trajetórias e atuações de ambas são fundamentais para compreender as estratégias adotadas pelos movimentos populares diante dos desafios impostos pela crise sanitária. As entrevistas foram realizadas por Letícia Ueda Vella, mestrande e pesquisadora do Projeto ICOLMA.

Letícia Ueda Vella entrevista Graça Xavier

Letícia Ueda: Como você avalia o papel do movimento de moradia durante a pandemia de COVID-19 e quais estratégias foram adotadas para proteger moradoras/es das ocupações, incluindo o acompanhamento de casos de contaminação?

Graça Xavier: O movimento de moradia teve papel fundamental na época do Covid, da pandemia, principalmente no acolhimento às famílias pobres e periféricas, em especial as mulheres e as mulheres negras. Naquele momento todos, na televisão, nos grandes meios de comunicação, diziam “fiquem em casa, lavem as mãos”. E essas pessoas, na grande maioria, não tinham nem casa para ficar e viviam em cinco, seis pessoas nos barracos e muito menos água

DOI: <https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1458>

*Universidade Federal do ABC (UFABC); **Movimento de Moradia da Região Sudeste; *** Movimento de Moradia do Centro de São Paulo(MMC)

para lavar a mão.

Então, o que o movimento de moradia fez na época da pandemia? Nós fizemos toda uma campanha de arrecadação de alimentos, mas não só de alimentos, mas de produtos de higiene também, como álcool gel, Lysoform, sabão, sabonete, detergente, desinfetante, para que as pessoas pudessem ter acesso a tudo isso que os grandes meios de comunicação e o capitalismo induziam as pessoas a terem naquele momento.

Mais que isso! Nós desencadeamos não só a campanha para arrecadação desses alimentos, mas também uma campanha para que pudesse ter doações de água em alguns pontos específicos e que se pudesse colocar em alguns lugares torneiras com água potável, para que as pessoas que vivem em situação de rua, as comunidades que não tinham onde morar pudessem de verdade conseguir acessar a água para poder lavar as mãos e também beber nas suas próprias casas.

Então o movimento de moradia, ele foi atuando estrategicamente para atender a população menos favorecida do período de pandemia.

Letícia Ueda: Quais medidas concretas foram tomadas para evitar que o vírus se espalhasse dentro das ocupações (por exemplo, higiene, isolamento, comunicação)?

Graça Xavier: Toda essa atuação dos movimentos na arrecadação e doação de cesta básicas de alimentos, de materiais de higiene, inclusive de água potável. Durante todo esse processo, a gente também foi produzindo material e divulgando para que as pessoas pudessem se proteger, né? Não só dentro da própria casa, mas também nas ruas quando eles fossem buscar doações ou até mesmo atrás do seu próprio trabalho, do trabalho para ter o próprio sustento. Então, a gente sempre no diálogo: fica pelo menos dois metros de distância da outra pessoa, né? As pessoas tinham dificuldade de entendimento. A gente fazia, parava no local, abria o braço e falava olha, não pode encostar no outro. Então isso é mais ou menos dois metros de distância um do outro para quem tiver com vírus não contamine. Fizemos também a doação de máscara e produzimos máscara na época. Para que? Para doar para as pessoas que não tinha condições de comprar as máscaras para poder evitar ficar próximo do outro.

Os movimentos populares tiveram um papel fundamental, principalmente na orientação com a população que não tem acesso à internet, às comunicações, aos grandes meios de comunicação por falta de energia elétrica ou falta de internet gratuita. Então, os movimentos populares produziam material simples em linguagem popular e distribuíam nas comunidades, orientando a usar máscara e procurar não ficar em locais de aglomeração, sendo que a grande maioria das pessoas que vivem nos barracos e não teriam nem como fazer isso. Vivem nos barracos quatro ou cinco pessoas, em poucos metros quadrados, super pequeno, então de uma certa forma elas nem conseguiriam manter a distância, mas mesmo assim a gente orientava, mesmo dentro de casa, a usar máscara e proteger as pessoas que tivessem mais debilitadas. Por exemplo, as pessoas que tivessem doenças como diabetes, pressão alta, as pessoas mais idosas, as crianças, as mulheres gestantes. Então, a gente orientava nesse sentido.

Uma outra questão que nós tivemos um papel fundamental foi na orientação ao combate de violência doméstica, violência dentro da própria casa com relação às mulheres, porque aí ficaram muito mais tempo dentro de casa, as mulheres e os homens e os parceiros. O fato de estar dentro de casa com mais tempo de convivência fez com que o índice de violência doméstica e de feminicídio aumentassem muito na época da pandemia. Então, esse foi um outro trabalho que a Secretaria de Mulheres dos movimentos populares da União dos Movimentos de Moradia,

da União Nacional por Moradia Popular e da Associação dos Movimentos de Moradia da Região Sudeste: orientar e conscientizar que teria que denunciar, correr atrás de medida protetiva. E nesse sentido, a gente sabe que as delegacias hoje não estão preparadas para atender as mulheres com o acolhimento devido, humanizado. Então, a gente teve também esse outro trabalho: humanizar, né? Um atendimento humanizado às mulheres vítimas de violência dentro das suas próprias casas.

Letícia Ueda: Quais foram as maiores dificuldades enfrentadas pelo movimento nesse período em relação à saúde das/os moradoras/es?

Graça Xavier: Uma das maiores dificuldades dos movimentos populares foi conseguir desempenhar esse papel de formação, de conscientização e, ao mesmo tempo, buscar apoio para a população das comunidades, dos territórios, mas também apoiar as próprias lideranças. Para quem não sabe, as lideranças de movimentos populares não têm salário, elas têm que trabalhar e esse trabalho é desenvolvido voluntariamente. Então, são todos trabalhos voluntários. A gente dedica tempo, parte do nosso tempo de trabalho, ao trabalho voluntário nas comunidades. Então, essas mesmas lideranças que tinham que sair também para buscar trabalho para o seu próprio sustento, teriam também que desenvolver e desempenhar um outro papel de formação, de conscientização e de orientação para que o aumento de contaminação nas comunidades dos territórios das periferias com a população pobre não se agravasse cada vez mais. Essa é uma questão.

A outra é a falta de informação que também levava a uma série de desinformação na própria comunidade. Então eles não faziam nem o teste primeiro, para poder testar se a pessoa estava com Covid mesmo ou não. Mesmo que você não tivesse, que você tivesse qualquer outra doença e suspeitasse que era Covid, você já ia para o próprio local do Covid. Ou seja, se você não estava contaminado, você ia ficar contaminado.

O negacionismo. O negacionismo o tempo todo por parte do Poder Público e do governo federal, do governo Jair Bolsonaro, mas também dos seus aliados, dos municípios e dos estados acabou contaminando e levando muita gente à morte. Tanto que foram milhares de pessoas, ou melhor, centenas de pessoas mortas, né? Pelo negacionismo do presidente da República, Jair Bolsonaro, e os seus aliados nos municípios e nos Estados. Para nós, para os movimentos populares, na nossa avaliação, nós acreditamos que eles foram genocidas por não atender as famílias como deveria ser, como deveriam ter sido atendidas, inclusive com relação à vacinação, à campanha de vacinação, à adesão à vacinação, contra o Covid.

Letícia Ueda: De que forma as políticas internas nas ocupações se diferenciam ou se contrapõem às políticas do governo, especialmente diante da postura de negação da pandemia?

Graça Xavier: Conscientização e orientação às famílias pobres que vivem no nosso país, eu tenho certeza que o índice de mortalidade seria muito maior.

Se dependesse do presidente da República da época, que era o Jair Bolsonaro e os seus aliados dos municípios e dos Estados, porque as políticas públicas municipais, estaduais e federal deixaram a desejar. Ou seja, não cumpriam o papel que deveriam cumprir, principalmente com relação aos atendimentos, à orientação e à conscientização.

Então, os movimentos populares tiveram um papel fundamental nesse momento tão difícil da vida da população pobre do nosso país. Não só com relação às campanhas, mas principalmente produzindo material, produzindo live, produzindo materiais de linguagem simples para poder orientar e conscientizar a população mais pobre que não tem acesso às políticas públicas, não

consegue acessar, mesmo garantida na Constituição Federal do nosso país.

Não conseguem acessar as políticas públicas no mesmo formato que as pessoas de classe mais alta acessariam. Então, eu diria que a pandemia teve cor, teve gênero e teve classe, né? Quanto mais pobre, muito mais pessoas morreram pelo fato da própria classe social, de fazer parte dessa classe social incluída como operários, trabalhadores e trabalhadoras do nosso país.

Letícia Ueda: Houve apoio de outros movimentos sociais, entidades ou profissionais de saúde para enfrentar a pandemia nas ocupações?

Graça Xavier: Os movimentos populares, nesse momento tão difícil, foi o momento em que os movimentos populares se unificaram e deram as mãos juntas no combate à pandemia. Principalmente, denunciemos o negacionismo por parte do poder público durante todo o processo de pandemia. Então, mais uma vez eu digo que os movimentos populares, as entidades, os profissionais de saúde para enfrentar a pandemia nas ocupações foram fundamentais.

Foram fundamentais nesse momento tão difícil para poder conseguir unificar os trabalhos nas comunidades e, principalmente, buscar apoio de fora, externo, para dentro das ocupações, não só com busca de alimentação, mas também de conscientização e formação. Senão, teriam morrido muito mais pessoas pobres nas comunidades, porque os governos foram insuficientes, foram ausentes.

Eu diria que na pandemia mostrou sua verdadeira cara, a luta de classe. Se não tivesse de fato a população pobre se unido e contra todas as coisas que estavam ocorrendo teriam morrido muito mais pessoas. Teria havido muito mais pessoas a óbitos. Se não tivesse toda essa unificação dos movimentos populares nas comunidades, nos territórios onde vive a grande maioria da população, pobres e negras, nas periferias, que é o único local que sobrou depois da “libertação” que nos roubaram ao nosso trabalho e nos deixaram sem terra e sem trabalho, depois da “libertação da escravidão”, da abolição, nos levaram, nos roubaram não só as nossas vidas que foram anos e anos.

Por isso, é importante a gente trabalhar com a reparação de danos como cotas e daí por diante, né? A população até hoje ainda sente na pele o processo de escravidão do Brasil, que quando nos libertaram, nos deixaram sem terra e sem trabalho e sem acesso à educação. Então, até hoje nós ainda lutamos muito para que possamos conseguir ter uma vida digna e competir de igual para igual. Ainda vai demorar muito tempo para nós conseguirmos competir de igual para igual.

Então, ainda dizer que nessa pandemia o racismo estrutural, o racismo ambiental ainda foi muito forte durante todo esse processo de COVID-19. E se estende, né? Tanto que o próprio governo negacionista da época tratava com muita nitidez e fazia questão de dizer em alto e bom som que não gostava de negros, que não gostava de pessoas gordas e daí por diante, de gays e lésbicas. E essas pessoas foram as que mais sofreram durante o processo de pandemia.

Então, graças aos movimentos populares, às instituições, às universidades, às igrejas comprometidas, às igrejas principalmente de comunidades eclesiais de base comprometidas, que deram a mão a essa população pobre e que conseguiram trabalhar mesmo com todas as dificuldades. Foi um trabalho unificado contra os despejos forçados, contra os despejos administrativos.

Então, foi um trabalho assim árduo, muito árduo, por parte da população e principalmente das mulheres líderes nas comunidades, que o trabalho das mulheres mais uma vez triplicou com relação aos cuidados nas comunidades, nas periferias, nas associações e daí por diante.

Letícia Ueda: Você entende que as mulheres das ocupações foram afetadas de maneira diferenciada

pela pandemia? Se sim, quais estratégias específicas foram utilizadas pelo movimento para apoiá-las?

Graça Xavier: Nós, mulheres, somos afetadas diretamente nas ocupações, nas periferias, nos bairros neste período de pandemia. E o nosso trabalho triplicou porque não só tínhamos que buscar emprego, de buscar trabalho para se manter, mas também nos doarmos nos trabalhos de cuidados nas comunidades para poder garantir que as pessoas estrategicamente tivessem o atendimento e se mantivessem nos seus locais.

Tanto que desenvolvemos a campanha Despejo Zero na época da pandemia. Um trabalho belíssimo, unificado, com as universidades, com os institutos e várias lideranças de movimentos populares. A grande maioria das pessoas que tocaram a campanha Despejo Zero, inclusive as pesquisas desenvolvidas, porque o governo negacionista foi tão pesado que nem dados do IBGE na época eles soltaram, nem dados do IBGE, para poder manter isso escondido.

Então, a quantidade de despejos forçados durante a madrugada, as madrugadas na calada das noites. Os prefeitos negacionistas iam despejando, o chamado despejo administrativo. Eles falavam “hoje eu vou despejar tanto”. Aí na calada da noite da madrugada, iam despejando as famílias nas ocupações. Depois, os despejos via judiciário, né? Então foram vários despejos da época, deixando mulheres grávidas com crianças na rua, mães solas.

Então, assim, foi um momento sobre o qual nós teríamos que fazer uma verdadeira reflexão de danos causados na época da pandemia. O fato de na época ter passado por um governo que não dava a mínima para a população brasileira, não estava nem aí para a população brasileira.

As mulheres foram fundamentais nesse processo não só de pesquisa, mas de buscar o sustento para as famílias, de realizar denúncia da violência doméstica dentro da própria casa, da violência doméstica, da violência patrimonial, de vários tipos de violência, combatendo o feminicídio, combatendo a todos os tipos de violações de direito dentro da casa, mas também das ruas. Violações de direito não só dentro da casa, mas também pela própria estrutura do poder público, das delegacias, dos hospitais e daí por diante, nos prontos socorros.

Então, nós, mulheres, fomos fundamentais nesse processo de pandemia e continuaremos firmes e fortes no combate a todos os tipos de violência, mas também incidindo nas políticas públicas para as mulheres menos favorecidas do nosso país, como no programa Minha Casa Minha Vida, atendimento às mulheres vítimas de violência com 100% de subsídio.

Nós conseguimos trabalhar com várias mulheres, ensinando como trabalhar no formato virtual para poder conseguir e manter o emprego, manter o sustento e ao mesmo tempo levando formação e conscientização para que as mulheres pudessem se manter e ter o mínimo de dignidade possível.

Então, nós sempre trabalhamos com uma frase que é: “a moradia é a porta de entrada para todos os outros direitos”. A partir da moradia digna, nós entendemos e compreendemos que todas as mulheres vão entender a sua verdadeira luta de classe e continuar lutando para que mais mulheres consigam não só ter a moradia, mas ter o acesso à educação, à saúde de qualidade, para

que possamos juntas viver com dignidade.

Eu sempre falo o seguinte: “se uma mulher é capaz de mudar o mundo, imagina todas nós mulheres juntas, mudamos e transformamos a sociedade brasileira”.

Acredito que é muito importante a gente lembrar esse processo de escravidão no Brasil, em que nos roubaram a nossa vida, nos roubaram nossa identidade, nos roubaram e nos impediram o nosso crescimento enquanto ser humano. Nos impediram de acessar todas as políticas públicas no mesmo formato, no mesmo modelo que qualquer ser humano que vive no nosso país.

Então, eu acredito que as mulheres negras e a população negra foram as mais atingidas na época da pandemia não só no Brasil, mas fora do Brasil também. A população indígena, as populações pobres foram as mais afetadas diretamente na pandemia, com ressalva onde existem os movimentos fortes e os trabalhos fortes das comunidades e principalmente ressaltando o trabalho das mulheres com relação aos cuidados.

Se não houvesse esse trabalho eu acredito que muito mais pessoas teriam vindo a óbito com relação à pandemia de COVID-19. Continuaremos firmes e fortes lutando para que mais mulheres entendam e compreendam a verdadeira luta de classe para que a gente consiga ir defendendo a classe dos trabalhadores e trabalhadoras, sempre mantendo firme, não deixando ser corrompida pela direita ou pela extrema direita no nosso país, mas também no mundo.

Letícia Ueda Vella entrevista Neuma Silva de Oliveira Cruz

Letícia Ueda: Como você avalia o papel do movimento de moradia durante a pandemia de COVID-19 e quais estratégias foram adotadas para proteger moradoras/es das ocupações, incluindo o acompanhamento de casos de contaminação?

Neuma Cruz: O movimento teve um papel fundamental na vida dos moradores, esclarecendo dúvidas, incentivando as medidas de segurança, informando sobre as medidas econômicas do governo, entre outras.

Letícia Ueda: Quais medidas concretas foram tomadas para evitar que o vírus se espalhasse dentro das ocupações (por exemplo, higiene, isolamento, comunicação)?

Neuma Cruz: Obrigatoriamente, uso de máscaras, orientação para evitar aglomerações nas áreas comuns, distribuição de máscaras e álcool em gel, além de informativos e cartazes em todos os espaços. Também houve distribuição de cestas básicas e de material de limpeza. Foram instaladas pias na entrada das ocupações para que os moradores pudessem fazer sua higiene antes de entrar.

Letícia Ueda: Quais foram as maiores dificuldades enfrentadas pelo movimento

nesse período em relação à saúde das/os moradoras/es?

Neuma Cruz: O movimento sempre foi fiel à ciência. Dessa forma, as medidas tomadas nas ocupações não utilizaram nem incentivaram nenhuma medida negacionista. O movimento sempre foi opositor ao negacionismo.

Letícia Ueda: De que forma as políticas internas nas ocupações se diferenciaram ou se contrapuseram às políticas do governo, especialmente diante da postura de negação da pandemia?

Neuma Cruz: Incentivando a vacinação, fazendo falas concretas de que a vacina salva vidas e se posicionando contra o negacionismo.

Letícia Ueda: Houve apoio de outros movimentos sociais, entidades ou profissionais de saúde para enfrentar a pandemia nas ocupações?

Neuma Cruz: Sim. Houve movimentos que trocavam informações e ajuda. Os profissionais da saúde ajudavam no que era possível diante de toda a calamidade que estavam passando.

Letícia Ueda: Você entende que as mulheres das ocupações foram afetadas de maneira diferenciada pela pandemia? Se sim, quais estratégias específicas foram utilizadas pelo movimento para apoiá-las?

Neuma Cruz: Sim. Como em todas as situações, as mulheres são as mais afetadas. Todavia, durante todo o desconhecido, o movimento trabalhou com as informações que tinha diante do estado de calamidade, distribuindo máscaras, álcool, material de limpeza, entre outros.

Conclusão

As entrevistas com Graça Xavier e Neuma Silva evidenciam o papel decisivo dos movimentos de moradia na proteção das populações vulneráveis durante a pandemia de COVID-19. Em um contexto em que o Estado negava a gravidade da crise sanitária e falhava em oferecer medidas de prevenção e apoio, os movimentos assumiram a responsabilidade de organizar campanhas de arrecadação e distribuição de alimentos, materiais de higiene, máscaras e até água potável, além de orientar a população sobre cuidados básicos e a importância da vacinação. Essa atuação se mostrou essencial para conter a propagação do vírus e para oferecer dignidade às famílias que, muitas vezes, não dispunham de condições mínimas de moradia e saneamento.

Outro ponto central revelado nas entrevistas é o impacto diferenciado da pandemia sobre as mulheres das ocupações. Foram elas que mais sofreram com a sobrecarga de cuidados, com o aumento da violência doméstica e

com os despejos forçados, mas também foram protagonistas na resistência e na organização comunitária. As lideranças femininas estiveram à frente de campanhas como o Despejo Zero, das redes de solidariedade e da criação de espaços de conscientização sobre direitos e proteção contra violências. Assim, os movimentos de moradia, conduzidos em grande parte por mulheres, não apenas substituíram o papel do Estado ausente, mas também reafirmaram a moradia como porta de entrada para todos os demais direitos, conectando a luta pelo território à luta pela vida.

Agradecimentos: Este estudo foi financiado, em parte, pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2021/07554-8, 2022/08402-0 e com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Bolsa de Mestrado CAPES DS 2023 e 2024.